

SOLIDARIEDADE MUSICAL: UMA ABORDAGEM SOBRE AS PRÁTICAS MUSICAIS COMPARTILHADAS EM GRUPOS DE ESTUDOS

Patrick Mesquita
patrickmesquita@gmail.com

Resumo: Esta comunicação é um recorte de uma dissertação de mestrado que teve como tema central os processos formativos de dois grupos de estudos curricularmente não obrigatórios existentes do Curso de Licenciatura em Música de uma Universidade Federal. O objetivo geral é apresentar as características de coletiva solidariedade presentes nos grupos de estudos que se afina com a proposta no projeto pedagógico da referida Licenciatura. Procuramos caracterizar o processo de aprendizagem musical, bem como a influência dos grupos de estudo no processo de formação do educador musical que se forma na Universidade onde a pesquisa foi realizada. O aporte teórico deste recorte de pesquisa está centrado na teoria sócio-interacionista de Vygotsky (1984). De acordo com esta pesquisa, os grupos de estudos possibilitam os estudantes se perceberem como educadores musicais no sentido de estar praticando o exercício docente a partir do momento em que possuem, sob sua responsabilidade, a organização das atividades dos grupos de estudos, a definição de objetivos a serem alcançados, bem como o trabalho de organização e implementação das práticas musicais compartilhadas no âmbito acadêmico.

Palavras chave: Educação Musical. Aprendizagem Compartilhada. Formação Docente.

1. Introdução

Esta comunicação é um recorte de uma dissertação de mestrado que teve como tema central: os processos formativos de dois¹ grupos de estudos curricularmente não obrigatórios existentes no Curso de Licenciatura em Música de uma Universidade Federal. Como objetivos específicos, busquei: identificar quais são as práticas curriculares não obrigatórias presentes no Curso de Música em questão; compreender em que medida as práticas musicais coletivas relatadas no Projeto Pedagógico do referido Curso se afinam com as propostas dos grupos de estudos existentes na graduação; e perscrutar o impacto dos grupos na formação dos estudantes a partir das percepções dos mesmos.

¹ Grupo de estudos de Choro e o Grupo Encordoados (atualmente Orquestra de Câmara da Universidade Federal onde a pesquisa foi realizada);

A minha intenção de pesquisa partiu das experiências colaborativas que vivenciei durante a graduação através da criação de um grupo de estudo, momento em que desenvolvi um trabalho didático-pedagógico socialmente compartilhado inserido num contexto coletivo e inspirado na Aprendizagem Cooperativa. As atividades curriculares oficiais do curso foram fundamentais para a minha formação e desencadearam em mim inquietações acerca dos processos de aprendizagem ocorridos no Curso de Licenciatura em Música da referida instituição.

Revisei a literatura da área de educação musical procurando compreender como tema principal era percebidos na área. Assim, identifiquei diferentes maneiras de entender a construção da docência na área de educação musical. A literatura sugere que há uma ênfase dada ao papel do professor nas propostas de Educação Musical que, no Brasil, convencionou-se chamar Ensino Coletivo.

Nesse sentido, destaquei trabalhos que me auxiliaram a compreender o tema Ensino Coletivo orientando-me pelos escritos de Oliveira (1998), Cruvinel (2003, 2008) e Ying (2007). Explorei também os aspectos históricos da metodologia de Aprendizagem Cooperativa e a conceituação desta proposta de ensino e aprendizagem que tem como principal objetivo: desenvolver relações interpessoais que estabelecem estratégias efetivas de aprendizagem entre membros de um grupo. Para tanto, utilizei autores como Avendaño (2008), Lopes e Silva (2009), Ribeiro (2006), Johnson, Johnson e Holubec (1999) e Miranda, Barbosa e Moisés (2011).

2. Referencial teórico-metodológico

O aporte teórico desta pesquisa está centrado na teoria sócio-interacionista de Vygotsky (1984). Utilizamos Vygotsky e Piaget enquanto teóricos interacionistas², pois eles partem do princípio de que o mundo psíquico do ser humano não é inato, ou seja, a pessoa não nasce com ideias prontas, bem como não as recebe do ambiente como algo acabado. A

² Considerada como uma das perspectivas da psicologia do desenvolvimento humano, o sociointeracionismo é a teoria segundo a qual se compreende o desenvolvimento humano como uma relação de trocas entre parceiros sociais através da interação e mediação. Para Vygotsky, todo sujeito adquire seus conhecimentos a partir das relações interpessoais de troca com o meio em que vive.

teoria de Vygotsky tem como objetivo “caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formam ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo” (VYGOTSKY, 1984, p. 21).

Na relação estudante/professor há um desequilíbrio de poder e conhecimento, fazendo com que a tendência nesta interação seja a de um ensinar e o outro aprender. Na relação estudante/estudante, a troca de informações entre os pares tende a ser mais equilibrada, fazendo com que o aprendizado seja mediado pela interação e reciprocidade dos estudantes.

Utilizamos o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), pois este esclarece a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. As implicações da teoria de Vygotsky estabelecem que a interação social favorece a aprendizagem, entretanto, essa interação não deve ser apenas do professor para com o aluno, ou vice-versa.

As experiências de aprendizagem devem ser estruturadas de modo a privilegiar o compartilhamento das atividades entre os sujeitos participantes. Diante deste trabalho, tais experiências estão comprovadamente presentes nos grupos de estudos objetos da presente pesquisa. O espaço de interação que ocorre nos grupos de estudos, entre os alunos, cada qual com suas experiências práticas e opções por estilos e gêneros musicais variados, propicia a formação de zonas de desenvolvimento proximal.

Deste modo, os estudantes “mais competentes” em diálogo constante com os colegas menos experientes — e neste caso, essa categorização é relativa, pois o mesmo aluno poderá ser mais competente em algum outro aspecto e inexperiente em outro — desenvolvem habilidades que poderiam não ocorrer caso os grupos de estudos não promovessem o encontro compartilhado.

O presente trabalho adotou procedimentos de pesquisa do tipo qualitativa por considerar o ambiente natural como provedora dos dados. Focamos no processo investigativo em si e não em resultados quantificáveis, portanto, temos como principais dados da pesquisa os significados que as pessoas concedem às suas vidas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). O método da pesquisa qualitativa tem como características um contato direto do

pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada — e o material coletado é puramente descritivo (BOGDAN e BIKLEN, 1982).

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa apresenta as características do que se pode chamar estudo de casos múltiplos. No estudo de casos múltiplos, o objetivo não é a comparação entre os casos, mas sim, a compreensão das especificidades e semelhanças de cada grupo para uma melhor averiguação dos resultados. Deste modo, com base em nossa experiência empírica, investigamos o fenômeno dentro do seu contexto real, onde “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17).

Para conhecer as principais características dos grupos de estudos objetos desta pesquisa, como eles funcionam e como se dá o ato de criação e desenvolvimento das atividades, utilizamos as seguintes técnicas de coleta de dados: entrevistas de grupo focal, entrevistas semi-estruturadas; observação participante; gravação de vídeo; diário de campo; análise de documentos e encontros informais fora do ambiente acadêmico. A população foi composta por estudantes do Curso de Licenciatura e os informantes foram os estudantes que concordaram em fazer parte da pesquisa.

3. Resultados

Procuramos caracterizar o processo de aprendizagem musical existente nos grupos de estudos do Curso de Licenciatura em Música de uma Universidade Federal. A partir desse panorama geral do trabalho, apresento a seguir um recorte dos resultados da pesquisa que refere-se às atividades curriculares não obrigatórias e aos processos de aprendizagem musical de outros instrumentos, gêneros ou práticas sonoro-musicais não contempladas na integralização curricular formal de um Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal.

A seguir, para o entendimento do leitor quanto às práticas musicais realizadas no âmbito do Curso de Música da Universidade onde a pesquisa foi realizada, buscarei apresentar o que são as atividades curriculares obrigatórias e atividades curriculares não obrigatórias.

3.1 Atividades curriculares não obrigatórias

Segundo Tomaz Tadeu, “O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo.” (SILVA, 1999, p. 15). Currículo é uma construção cultural, um modo de organizar uma série de práticas educativas, um guia de experiências que o aluno vive na escola, um conjunto de conhecimentos considerados socialmente válidos.

Cada instituição de ensino possui sua respectiva “grade curricular”. A palavra grade nos remete à prisão – e neste caso, trata-se de uma *prisão* refletida no conteúdo que está sendo ensinado, posto cada disciplina possuir uma “prioridade” na integralização curricular da escola, sendo esta composta por um respectivo número de horas a ela dedicadas. Deste modo, outras disciplinas importantes acabam sendo menos privilegiadas no currículo por acumularem uma carga horária reduzida.

A respeito dos currículos das escolas tradicionais de ensino, além da fragmentação disposta por áreas, disciplinas, séries e aulas, podemos verificar uma linearidade dos assuntos tratados em sala de aula muitas vezes organizados através de sequências de tópicos baseados em livros didáticos, quando estes deveriam servir ao máximo apenas como referência.

No modelo tradicional de ensino, percebemos que cada pessoa tem sua fala e que, seja esta fala proveniente do estudante ou do professor, só é permitida apenas uma de cada vez. Desse modo é gerada uma estrutura sequencial e individualizada, com pouco espaço para a participação ativa dos estudantes envolvidos na atividade.

Os dados coletados mostraram que, no método compartilhado realizado pelos grupos de estudos, objetos da presente pesquisa, os participantes podem descobrir novas possibilidades musicais em contato com o amigo mais experiente, imitando o gesto, o som, em diálogo constante com os demais integrantes, aprendendo na prática.

Na medida em que compartilha seu conhecimento, o estudante está aprendendo a ser solidário, a perceber o ritmo do outro, a ouvir atentamente exercendo sua autonomia intelectual e, principalmente, pondo em prática sua didática musical.

Durante o levantamento de dados através das entrevistas com os alunos do Curso de Música, percebi que muitos estudantes se referiam aos grupos de estudos como atividades extracurriculares, entretanto, para as teorias mais recentes sobre esse tema, o currículo é tudo aquilo que decorre no processo de formação do indivíduo, seja a atividade obrigatória ou não.

Portanto, optamos por utilizar a nomenclatura “grupos de estudos curricularmente não obrigatórios” para nominar tais grupos organizados por estudantes e/ou professores. No documento oficial do Projeto Pedagógico dos cursos de Música da Universidade onde a pesquisa foi realizada, não há menção sobre os grupos de estudos curricularmente não obrigatórios.

Tais grupos criados por estudantes e/ou professores ocorrem de modo espontâneo e se legitimam através da reunião de pessoas interessadas pelas práticas musicais não contempladas no currículo oficial do curso.

Deste modo, os grupos de estudos podem ser considerados como ponte para o acesso dos estudantes a outro universo desconhecido, de sonoridades diversas, ritmos, gêneros e possibilidades distintas variados.

Os grupos de estudos realizam práticas musicais não especificadas no currículo oficial do Curso de Música – e estes grupos dão legitimidade aos saberes adquiridos pelos estudantes. A título de exemplo, podemos citar o grupo de estudos de Choro, que reúne estudantes interessados em aprender a música instrumental de maneira compartilhada entre os alunos, proporcionando aos participantes do grupo a possibilidade deles se desenvolverem em algum instrumento característico do gênero, como o cavaquinho ou o bandolim, instrumentos esses não disponíveis na integralização curricular oficial da Universidade onde a pesquisa foi realizada.

A seguir, apresento os processos de aprendizagem musical ocorridos nos dois grupos de estudos objetos da pesquisa, detalhando como são desenvolvidas as atividades nos referidos grupos, as possibilidades de interação e as principais descobertas por parte dos estudantes.

3.2 Processos de aprendizagem musical do grupo Encordoados

Nos encontros do grupo Encordoados, os integrantes se sentam em semicírculo dividido por naipe de instrumentos e trabalham com arranjos que o articulador do grupo leva aos encontros. Nos relatos obtidos através das entrevistas, os estudantes nos faz entender que há uma preocupação inicial por parte do professor do grupo quanto à elaboração dos arranjos para a prática musical inicial.

Buscando criar condições de participação para todos os estudantes envolvidos, o professor articulador do Encordoados escreve os arranjos de acordo com as possibilidades instrumentais de cada aluno. Deste modo, as pessoas que ainda estão em processo de iniciação instrumental executam partes menos complicadas do arranjo, estas geralmente compostas por notas longas e com poucas variações rítmicas.

Durante o trabalho em grupo, o articulador assume a regência, solicita que os instrumentistas se afinem tendo como base o violinista mais experiente e dá início às atividades. Percebemos que no grupo Encordoados os encontros possuem características muito semelhante ao de um ensaio coral amador.

Outra importante função se estabelece nesse processo de interação compartilhada entre os participantes do grupo: a prática – ou muitas vezes a descoberta – do estudante como um regente. O aluno que se permite dirigir um grupo de estudo se torna um regente e este, no momento em que se encontra nesta posição, ensina o que sabe e aprende ensinando na prática, compartilhando suas aprendizagens.

Apesar do Curso de Música possuir a disciplina Regência em sua integralização curricular oficial, esta prática se restringe, em sala de aula, ao trabalho realizado com grupos corais. Percebemos que os grupos de estudos podem oferecer uma possibilidade de desenvolvimento do senso de liderança, condução e organização vislumbradas no ato da regência, nesse caso, direcionados à prática instrumental.

O articulador do grupo Encordoados estimula a prática da regência por parte dos estudantes, incentivando o exercício desta habilidade e possibilitando a extensão do que se aprende sobre regência em sala de aula, além da possibilidade coral. As habilidades essenciais que se exigem de um regente, em nossos tempos, são complexos e quase ilimitados. A qualidade primordial reside no ouvido. E ao bom ouvido, deve-se aliar

sensibilidade, senso rítmico e dinâmico, comunicabilidade e muita prática e convivência no meio profissional.

A regência musical é uma atividade através da qual se coordena um grupo de músicos e pode envolver diversos aspectos, desde o gestual – comumente conhecido através do papel do maestro que sincroniza as entradas de cada instrumento no momento certo – até o ato de dirigir e liderar o grupo como um todo, sendo este o aspecto principal vislumbrado nos grupos de estudo, podendo estar diluído entre todos os estudantes do grupo.

A prática compartilhada ocorrente nos grupos de estudos possibilita aos estudantes um exercício criativo de experimentação através de arranjos e possibilidades diversas, de pesquisa por parte dos estudantes envolvidos, da motivação dos estudantes em unir pessoas com interesses musicais parecidos.

3.3 Processos de aprendizagem musical do grupo de Choro

Neste grupo encontramos características de formação de uma tradicional roda de choro informal, ou seja, o estudante monitor agrupa os alunos e realiza uma dinâmica de roda de Choro característica.

A respeito da prática musical exercida no grupo de Choro, verificamos que neste último o monitor define um repertório-base, discutido entre os participantes com propostas apresentadas pelos mesmos, e em seguida, inicia a prática musical em conjunto. Portanto, o trabalho do grupo está focado na formação de repertório. Os estudantes se agrupam em círculo, afinam seus instrumentos e iniciam a prática instrumental.

O grupo de estudo de choro é aberto para estudantes iniciantes que não possuem conhecimentos prévios sobre instrumentos característicos do gênero. Assim, durante a prática instrumental, os estudantes recebem orientações de interpretação das peças que o monitor traz aos alunos. Desse modo, o articulador do grupo, bem como os demais estudantes, auxilia aqueles alunos menos experientes e que estão com dificuldades em tocar a harmonia ou em executar o ritmo musical.

Quando há dúvidas, por exemplo, em relação à melodia da música, todos os participantes do grupo – de acordo com a possibilidade de cada um – contribuem com as suas explicações, na tentativa de superar as eventuais dificuldades do aluno menos experiente.

Tais grupos de estudos possibilitam o desenvolvimento prático de instrumentos musicais não disponibilizados na integralização curricular oficial do curso, além de permitir uma complementação do conteúdo de outras disciplinas do currículo oficial, funcionando como um laboratório onde a teoria e a prática dialogam no sentido de disponibilizar aos estudantes a possibilidade do exercício instrumental.

É compreensível que quatro anos de formação não seja tempo suficiente para um profissional se formar na graduação, independente da área de conhecimento. Desta forma, os grupos de estudos podem proporcionar um aprendizado prático relacionado com as atividades teóricas realizadas em sala de aula. No caso específico do grupo de Choro, as atividades desenvolvidas em grupo facilitam a contextualização prática daquilo que é exposto nas aulas instrumentais formais do Curso de Música.

Foi constatado através das entrevistas realizadas que o interesse pelo aprendizado do gênero Choro, no caso deste grupo, é uma das maiores motivações dos estudantes. Através do agrupamento musical promovido pelo grupo de estudos de Choro há a possibilidade do estudante se apropriar de outro instrumento por ele ainda não explorado e pôr em prática, compartilhadamente, habilidades que até então ele não tinha descoberto.

Para além das práticas musicais compartilhadas, a presença de características de formação humana presentes no grupo de Choro ocorrem nas relações interpessoais, apontando para um caminho de construção da amizade, do companheirismo e da cooperação de modo muito positivo entre os estudantes.

Investigamos também quais foram os momentos mais significativos vivenciados pelos participantes dos grupos de estudo de Choro. Os relatos apontaram de maneira positiva para as apresentações musicais como mediadoras do processo de formação de plateia dentro do espaço acadêmico, como também em outros espaços fora da Universidade. As apresentações públicas foram pontos relatados durante as entrevistas.

Deste modo, os grupos de estudos possibilitam maior visibilidade da produção musical acadêmica realizada no Curso de Música, uma vez que os grupos costumam receber convites para apresentações no âmbito da Universidade em questão.

Propiciar a execução e o contato da prática musical dos futuros educadores musicais durante o processo de formação traz o entendimento para os alunos de que eles são músicos profissionais da educação. A prática musical existente nos grupos possibilita ao estudante a experimentação de várias linguagens instrumentais que poderão ser aplicadas em suas práticas pedagógicas.

4. Considerações Finais

De acordo com esta pesquisa, os grupos de estudos possibilitam os estudantes se perceberem como educadores musicais no sentido de estar praticando o exercício docente a partir do momento em que possuem, sob sua responsabilidade, a organização das atividades dos grupos de estudos, a definição de objetivos a serem alcançados, bem como, o trabalho de organização e a implementação das práticas musicais compartilhadas no âmbito acadêmico.

Os grupos de estudos possibilitam uma ampliação dos conhecimentos musicais e pedagógicos dos estudantes participantes, facilitando o desenvolvimento de competências musicais de modo que a prática estabelecida através da troca de informações proporciona uma aprendizagem musical rica e promotora de habilidades sociais, estas essenciais para o desenvolvimento humano e musical. Assim, tais grupos de estudos podem ser considerados como um laboratório informal de sistematização dos processos de ensino e aprendizagem musical compartilhados no ambiente acadêmico.

As implicações da teoria de Vygotsky estabelecem que a interação social favorece a aprendizagem, entretanto, essa interação não deve ser apenas do professor para com o aluno, ou vice-versa. As experiências de aprendizagem devem ser estruturadas de modo a privilegiar o compartilhamento das atividades entre os sujeitos que participam dos grupos. Diante da presente pesquisa, tais experiências estão comprovadamente presentes nos grupos de estudos.

Compartilhar é exercitar a solidariedade, é um exercício de doação. Ao mesmo tempo em que vamos ao encontro do outro, recebemos algo em troca, seja através de uma palavra de incentivo ou de um auxílio para sanar uma dúvida a respeito de algum tema ou disciplina. Desta maneira, alcança-se aquilo que nos é de direito: o conhecimento. Conhecimento que nos permite acessar o melhor, nosso e do outro, e a partir do qual se acessa nossas potencialidades — que se expressam, no caso deste estudo, no exercício pleno das capacidades musicais, solidárias e humanas.

Referências

BIKLEN, S.; BOGDAN, R. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

LÜDKE, Menga de A. e ANDRÉ, Marli E. A. D. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.